

RAÇA E GÊNERO: AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO DA BUSCA POR DIREITOS

NARA BEATRIZ MATIAS SOARES¹; CYNTIA BARBOSA OLIVEIRA²; E
MARCUS VINICIUS SPOLLE³

¹*Universidade Federal de Pelotas – mnarabeatriz@yahoo.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – cyntiabaroli@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – sociomarcus@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Trabalhar com a temática interseccional abre espaço para diversas lentes focais, o projeto de pesquisa *Interseccionalidades e tecnologias da informação: novas formas sociais, subjetivas e de identidade* tem como objetivo a análise da grande disseminação da utilização das redes sociais em diferentes aspectos da vida, enfocando as discussões que abarcam os temas relativos a interseccionalidade, tanto em sentido macroestrutural, quanto microestrutural (UFPEL,2022). Assim, dentro deste projeto, existem eixos de pesquisas, intitulados como subgrupos, que trabalham diferentes aspectos da interseccionalidade, as discussões aqui apresentadas são referentes ao trabalho ainda em desenvolvimento realizado pelo subgrupo que além seus estudos na temática raça, atentando-se ainda as questões pertinentes a gênero; assim a intersecção entre raça e gênero é a abordada nos estudos desenvolvidos.

A internet se tornou um ambiente responsável por uma grande ampliação de novas maneiras de interações, possibilitando acesso a uma vasta gama de conteúdo, tanto de cunho acadêmico, como conhecimentos de senso comum e ainda com a possibilidade do intercâmbio com pessoas e comunidades de quaisquer partes do país. A utilização de hashtags como maneiras de protestos coletivos, ou mesmo reivindicações é um exemplo, pois assim, esses movimentos passam a coexistir, tendo espaço no meio virtual e fora dele (GÉNOT, 2021).

Génot (2021) discorre ainda sobre a utilização do Twitter como ferramenta importante na organização de movimentos sociais e criação de oportunidades para participação, além disso a internet, de maneira geral, é responsável por uma reestruturação nos padrões de interação social. Nesse sentido, o projeto, ainda em fase inicial de desenvolvimento, tem como um de seus objetivos a análise de comunidades no Twitter que são voltadas a questões relativas à negritude e suas ramificações.

2. METODOLOGIA

O trabalho está sendo desenvolvido com a metodologia de etnografia virtual, ou também conhecida como netnografia. Em se tratando de comunidades virtuais, algumas adequações se fazem necessárias (ZANINI, 2016) através de pesquisa virtual com coleta de dados em páginas do Twitter que tratam da temática negra para ver o número de seguidores, quem eles seguem, desde quando existe a página, quais são as reações e qual é o foco da página. Assim, traçar mapas com levantamento detalhado das páginas é um processo necessário, ainda em desenvolvimento, para que os estudos relativos aos comportamentos desses grupos analisados aconteçam de maneira adequada. Tudo começou com a seleção da temática mulheres negras e suas vivências frente às violências que sofrem diariamente. Como o twitter é um canal que

divulga as informações com bastante agilidade atingindo um elevado número de pessoas ao mesmo tempo, esta foi a rede social escolhida. Nele estamos avaliando notícias referentes ao que acontece com as mulheres nacionalmente e internacionalmente com relação ao racismo, violências, eventos e no momento atual, enfatização de ter mulheres negras na política com o objetivo de haver representatividade

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Collins (2021) explora, de maneira genérica a interseccionalidade como uma investigação das maneiras pelas quais relações de poder influenciam nas relações sociais estabelecidas em sociedades que têm sua formação diversificada, assim considerando as experiências individuais que se dão em virtude desses movimentos. A interseccionalidade é uma ferramenta importante para compreender algumas complexidades, pois ela elucida a discussão de que as discriminações vividas acontecem de formas inter-relacionadas e se desenvolvem de acordo com a vivência de cada indivíduo de maneira mútua (COLLINS, 2021). Nesse sentido, é sempre válido relembrar que não é possível compreender os anseios de uma mulher negra abarcando apenas pautas feministas, ou apenas pautas do movimento negro, uma leitura interseccional é necessária.

O feminismo negro vem lutando para que as mulheres não sofram caladas violências. As mídias sociais tem auxiliado nesse sentido, porque o twitter, por exemplo, a cada segundo tem auxiliado divulgando notícias nacionais relacionadas ao que está acontecendo no país. O movimento feminista negro brasileiro teve sua ascensão e ampliação de suas discussões a partir de meados de 1970, trazendo uma discussão interseccional que vem ganhando bastante espaço: raça, gênero e classe (RODRIGUES E FREITAS, 2021). O movimento feminista negro foi responsável por trazer críticas tanto ao movimento feminista, quanto ao movimento negro nos moldes que esses eram dispostos, pois em se tratando de mulheres negras, ambos deixavam lacunas e tratavam algumas das questões levantadas pelas mulheres negras como secundárias.

O debate referente à raça, gênero e classe já fazia parte das pautas de luta e crítica das mulheres negras; nesse sentido a organização das mulheres negras de maneira mais autônoma foi de grande relevância para o desenvolvimento do movimento feminista negro brasileiro, afinal as mulheres negras são as mais adequadas para levaram as discussões de cunho interseccional que a raça e o gênero entregam (RODRIGUES E FREITAS, 2021). A década de 1990 foi responsável por grandes avanços no movimento feminista negro e na luta antirracista, abrindo espaço para novas e diferentes vertentes de discussões dentro do tema, tanto nacional, quanto internacionalmente (RODRIGUES E FREITAS, 2021).

As discussões relativas a raça e gênero seguiram tomando espaço e se fazendo presente em diferentes ambientes. A representatividade de mulheres ainda é bastante limitada no ambiente político, em se tratando de mulheres negras os números são ainda menores; assim, pautas e ações afirmativas relativas às especificidades das mulheres negras não costumam fazer parte de discussões consideradas como relevantes do meio parlamentar.

O avanço das tecnologias e facilitação do acesso às redes sociais foi ponto importante para que redes sociais passassem a ser utilizadas como redes de conexão, compartilhamento de conteúdo, denúncias e até mesmo como importante ferramenta para organização de eventos e movimentos de protesto. Nesse sentido, o estudo sobre comportamento de movimentos e instituições

virtuais que abordam temas de raça e gênero se mostram como um recorte social importante.

Assim, nesta pesquisa, até o presente momento, estão sendo analisadas as páginas: *Mariele Franco* que foi criada em janeiro de 2020 por sua família com o intuito de defender sua memória, lutar por justiça, espalhar seu legado para que seja do conhecimento de mais pessoas, assim difundindo as sementes deixadas por *Mariele*. É uma página que posta questões ligadas a homicídios de pessoas negras, racismo e *LGBTQIA+* e tem 77.411 seguidores.

Estamos acompanhando também, a página *Alma Preta* que tem suas postagens compartilhadas pelos 96.747 seguidores, sendo uma agência de notícias especializada em cobrir nacional e internacionalmente segundo, uma perspectiva racial negra e periférica, um jornalismo preto e livre; ela existe desde maio de 2015. Outra página analisada é o *Blog Negras* que tem 47.054 seguidores, existe desde março de 2013 sendo uma organização de mídia negra que fortalece a escrita de mulheres negras para que elas, pensem como vivem e são aceitas na sociedade onde predomina o sexismo, racismo e o machismo. Com relação a mulheres negras, outra página que está sendo acompanhada é a *ONG Criola* que existe desde setembro de 2009 e no momento, tem 5.447 seguidores. Ela atua na defesa e promoção dos direitos das mulheres negras, cis e trans para a construção de uma sociedade com justiça, equidade e solidariedade.

O trabalho está em fase inicial, na análise das páginas acima citadas para se fazer um recorte adequado às propostas do grupo de estudos, entretanto, uma observação inicial expõe que através do twitter, por sua rápida repercussão e grande dinamismo, muitos que antes não tinham voz, passam a ser ouvidos e podem compartilhar conteúdos de diferentes áreas e interesses. Outra semelhança é a utilização de todas elas como meio de denúncia sobre casos de racismo ocorridos ao redor do país; mesmo as páginas que tem outras lentes focais, em algum momento acabam recaindo sobre a necessidade de realizarem ou compartilharem divulgações de violências contra a população negra.

Escolhemos essas páginas por trazerem diversos temas relativos a negritude, incluindo: mulheres negras que tem o intuito de denunciar atos de violência, compartilhamento de conteúdos audiovisuais, leituras e áudio produzidos por mulheres negras, divulgação de eventos e material acadêmico, disponibilização de espaços para debates entre mulheres negras, compartilhamento de experiências pessoais e assim, muitas vezes, encorajamento daquelas que vivenciam diariamente agressões a denunciarem. A busca por união e fortalecimento das mulheres negras para que elas usufruam dos seus direitos tendo vez e voz em todos os ambientes: sociais, políticos, pessoais e afetivos.

4. CONCLUSÕES

Pode-se concluir até o momento que as análises iniciais que estas páginas do twitter estão sendo extremamente importantes para o fortalecimento das mulheres negras com o intuito de encorajá-las a denunciar qualquer tipo de violência que venham a sofrer seja no lar, na rua ou no trabalho. Cabe salientar, que as repercussões dos posts dessas páginas que envolvem denúncias raciais a nível nacional chega rápido, atingindo um número elevado de pessoas ao mesmo tempo. O mapeamento permite a compreensão do que será necessário para auxiliar as mulheres negras em seus processos. Segue, abaixo, o primeiro

levantamento realizado, elucidando os principais tópicos abordados nas páginas analisadas:

Assuntos abordados	Páginas			
	Alma preta	Blogueiras negras	Criola	Instituto Marielle Franco
Racismo	x	x	x	x
Feminismo			x	
Feminismo negro		x		x
Femicídio				x
Jornalismo	x	x	x	x
Educação/Indicação de conteúdo	x	x	x	
Ações afirmativas				x
Divulgação de eventos		x	x	x
Solicitação de doações para manutenção da página	x			
Violência	x	x	x	x
Política	x	x	x	x
Intolerância religiosa	x			
Homofobia				x

Todas tratam o racismo como uma de suas discussões centrais; seja de forma jornalista, emitindo opiniões pessoais ou através do debate da temática nos eventos em que organiza e divulga; enfatizando a participação do povo negro, visando o fortalecimento e representatividade desse grupo. Outra questão que tomou espaço em todas as páginas é relativa a política, em se tratando de ano eleitoral, onde a situação econômica e social brasileira tem sofrido diversos problemas e ameaças, este é um tema caro à população negra e marginalizada, em geral.

A impulsão de candidaturas de pessoas marginalizadas, sobretudo mulheres negras, foi intensa no meio virtual; já no momento atual existe ampla divulgação de conteúdo de cunho educativo relativo à política. Além disso, todas as páginas prezam pela luta em favor do estado democrático de direito. A tomada de espaços políticos, públicos e principalmente, espaços que visam representar uma população minoritária é de grande importância para as mulheres negras, pois este é um dos caminhos para que suas pautas sejam tomadas como relevantes, para que mulheres negras conquistem vez e voz em todos os ambientes da sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo: Biotempo, 2021.

GÉNOT, Luana. **Sim à igualdade racial**. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

UFPEL. **Portal Institucional**, 2022. Projetos. Disponível em: <<https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u2073>> Acesso em: 25 jun. 2022.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo feminista negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. **Revista Brasileira de Ciências Políticas**, Minas Gerais, n. 34, p. 1 - 54, 2021.

ZANINI, Débora. Etnografia em mídias sociais. **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais**. São Paulo, v. 1, p. 163 - 186, 2016.